

À CÂMARA DOS DEPUTADOS

Comissão Especial – PL 2303/2015

A/C Secretaria da Comissão

São Paulo, 5 de Julho de 2017

Ilmos. Srs. e Sras. Deputados(as) e demais membros da Comissão,

Primeiramente gostaria de agradecer o convite do relator da Comissão, Sr. Deputado Expedito Netto. Gostaria também de aproveitar para parabenizar a iniciativa da Comissão Especial de iniciar um diálogo com empreendedores e especialistas de um segmento que ganha importância a cada dia. Considero o diálogo não só com a Comissão e reguladores importante mas como em última instância isso simboliza o debate com a sociedade de uma forma mais ampla.

Sou economista, formado na UFRJ. Comecei minha carreira no mercado financeiro na mesa de operações do Banco Brascan em 1996, operando títulos da dívida externa, os chamados Brady Bonds. Passei por diversos bancos e empresas. Em 2004 fui fazer um MBA na Universidade de Michigan nos EUA e logo depois comecei a trabalhar no Deutsche Bank em NY. Fui transferido para o Brasil em 2010 como Diretor da mesa de trading de renda variável onde fiquei até 2014.

No início de 2015 fundei a FlowBTC, uma plataforma de compra e venda de Bitcoins. A exchange é atualmente uma das 4 maiores do Brasil mas de um ano pra cá nosso foco mudou. Criamos a Finchain e passamos a focar muito no Blockchain e na parte de educação, tanto de Blockchain quanto Bitcoin.

Nosso primeiro curso teve 7 alunos e nosso último que foi sábado passado teve 65 porque tivemos que limitar as vagas em certo momento. Ao todo, somando o curso de Bitcoin e Blockchain já tivemos mais de 800 alunos desde que iniciamos em Setembro de 2015.

BITCOIN

Bitcoin é tecnologia. A engenharia computacional por trás do Bitcoin, o Blockchain, já está sendo usada, adaptada e até clonada por empresas e bancos. Até mesmo Bancos Centrais em alguns países já tem planos de criar seus próprios Blockchains ou Criptomoedas.

De qualquer maneira essa é a primeira vez que temos a possibilidade do acesso direto a uma tecnologia disruptiva sem que seja necessário uma empresa privada contratar bancos e consultorias para realizar um IPO para que o cidadão comum possa participar.

É claro que isso desperta interesse e consequentemente e consequentemente cria expectativas que em última instância acarretam na apreciação dessa tecnologia.

Essa expectativa é justificável?

Minha humilde opinião é que até agora essa expectativa está sendo até superada. Vamos à algumas razões:

- Tecnologia de alcance global
- Diversas empresas de grande porte como Microsoft, Dell, processadores de pagamento como Stripe, já adotaram a tecnologia
- Robusta: até hoje não houve uma falha de segurança no Blockchain
- Eficiente: possibilidade de transferência P2P (Peer-to-Peer) em menos de uma hora sem intermediários
- Liquidez: US\$ 46 B de capitalização de mercado

Gostaria de citar alguns exemplos de casos de usos interessantes do Bitcoin:

- O banco americano USAA, que é restrito a militares e servidores públicos do Governo americano através de uma parceria com a Coinbase disponibiliza uma wallet de Bitcoin para seus correntistas.
- O Fidelity Charitable, braço filantrópico do maior fundo mútuo de investimentos dos EUA recentemente arrecadou US\$ 9 milhões em uma campanha em Bitcoins esse ano.

RISCOS E IMPACTO

O Bitcoin no Brasil ou em qualquer país ainda é pequeno demais para causar qualquer tipo de risco sistêmico.

O impacto na economia é limitado ou nulo seja como meio de pagamento ou moeda.

Risco de volatilidade existe mas não é único de Bitcoin (ações, futuros, imóveis etc). Além disso, se olharmos no longo prazo a tendência de alta no Bitcoin é clara.

Risco para o consumidor: Existe mas essa é a primeira vez que o proprietário pode fazer a sua própria custódia (wallet com chave privada).

REGULAR OU NÃO REGULAR

Acredito que mais importante do que o “SE” regular é o “COMO” regular. Temos dois exemplos no mundo que são constantemente citados, um para o lado negativo e outro para o positivo:

EUA (NY) – Bitlicense – Extremamente rigoroso e levou ao êxodo de empresas de Bitcoin de NY para outros estados americanos. Ben Lawsky, criador do Bitlicense saiu antes da primeira empresa se enquadrar e montou uma consultoria para empresas de Bitcoin.

Japão – Caso mais recente onde Bitcoin foi classificado como meio de pagamento. Resultado: empresas começaram a aceitar Bitcoin.

CONCLUSÃO

Eu era adolescente na década de 90 e vi chegando os primeiros telefones celulares. Quase 3 décadas depois ainda é uma mercado dominado por empresas estrangeiras, tanto no lado dos aparelhos quanto provedores.

Depois no fim da década de 90 veio a Internet. Novamente, hoje dominada por Google, Amazon, etc.

Estamos nos deparando com uma nova onda tecnológica da mesma magnitude ou até maior. O Brasil, com um legado fortíssimo de tecnologia financeira e uma população engajada em Internet e mobile, tem uma nova oportunidade.

Talvez essa seja nossa grande, quem sabe única, chance de participar de algo transformador no banco do motorista e não lá atrás na última fileira.

Os maiores mercados de Bitcoin: EUA, China e Japão. Eles já saíram na frente de novo. Nós empreendedores queremos estar na vanguarda também mas dependemos das condições certas para isso. Esse debate já é um ótimo começo na minha opinião.

Muito obrigado.

Atenciosamente,

Marcelo Miranda

CEO, Finchain

